



A TRANFIGURAÇÃO : QUADRO DO SR. ESQUIVEL.

Na planície d'Ésdrelon, sitio o mais vistoso e ameno da Palestina, ergue-se um monte por todos os lados desacompanhado, quasi circular desde a base até a cima, de engraçado contorno, e todo revestido de viçosa verdura e variado arvoredado: é coroado por uma superficie chaã, que já foi assento de uma povoação e de uma fortaleza; dahi se desfructam dilatadas e encantadoras vistas para todas as partes: chama-se o monte Thabor, e desde o tempo de S. Jeronymo que a tradição diz ser o lugar da Transfiguração, onde o Salvador manifestou a sua gloria a tres apostolos, antes de ascender ao Empyreo, e onde o Pai Celeste confirmou a missão do Filho. Todos os viajantes concordam fazendo uma pintura deliciosa desta pequena e solitaria montanha: poremos aqui as palavras de dois, um portu-

SETEMBRO 30 — 1843.

guez e antigo, outro estrangeiro e moderno; ambos de muito credito; sabendo-se que entre suas jornadas mediou um longo periodo talvez não inferior a 260 annos. —

Fr. Pantaleão d'Aveiro no Itinerario da Terra Santa, cap. 81 *in fine*, diz assim — « chegámos ao pé do monte Thabor, o qual izento de todo outro monte ou outeiro está posto naquelle grande campo, estendido de norte a sul, tão gracioso que sua vista nos alegrou. Não é demasiadamente grande nem alto, mas feito a modo de um ovado mui bem proporcionado, toda sua altura coberta de um arvoredado miudo e baixo. . . . No alto vimos estar tres igrejas, ou capellas, quasi de todo cahidas, e separadas umas das outras, as quaes foram alli edificadas á honra dos tres apostolos, S. Pedro, S.

2.^a SERIE. — VOL. II.

Thiago e S. João, por causa do que o apóstolo S. Pedro disse ao Senhor: «se quereis façamos aqui tres moradas.» No baixo ao pé do monte, vimos as ruínas de grandes edificios e foram de um sumptuoso mosteiro de conegos regrantes de St.º Agostinho, que alli esteve sendo a terra dos christãos. . . . Deste lugar do santo Thabor vimos estar a florida Nazareth em um alto, e o monte Carmelo e parte do monte Libano, e outros muitos logares de que a Sagrada Escripura faz memoria, cuja vista me era summamente delectosa, não sómente aos olhos corporaes, mas tambem aos interiores da alma. . . .» —

Na viagem do Sr. A. de Lamartine lemos o seguinte. — «14 d'outubro de 1832. — Partida ás quatro da manhã para o monte Thabor, designado o lugar da Transfiguração, o que é improvavel, porque nessa epocha o alto do Thabor era occupado por uma cidadella romana. A situação insulada e a elevação desta montanha delectosa, que surge á similhaça de moita de verdura, da planicie de E'sdrelon, fez que a escolhessem no tempo de S. Jeronymo para campo daquella scena sagrada. Erigiram uma capella na chapada onde vão os peregrinos assistir ao sacrosanto sacrificio; nenhum padre lá reside, mas vão ahí de Nazareth. — Chegamos a falda do Thabor — soberba pyramide conica de perfeita regularidade, forrada por toda a parte de plantas e de azinheiras — o nosso guia perde-se. — Sento-me sózinho á sombra de um formoso carvalho quasi no sitio onde Raphael em seu quadro (*) pôz os discipulos deslumbrados pelo clarão que vem do céu; espero que o sacerdote celebre a missa: lá do alto nos é annunciada por um tiro de pistola, para que poderemos ajoelhar nos degraus deste altar gigante em presença d'Aquella que levantou o altar e fabricou a brilhante abobada celeste que o cobre.»

Não obstante ser o mysterio religioso de que falámos assumpto magnifico em que os mais insignes mestres exercitaram o pincel, na Exposição publica de pinturas matritense, do anno de 1837, appareceu o quadro, de que é reduzido transumpto a gravura acima; obra que entre as mais sobresahiu por muitas bellezas, e em que o Sr. Esquivel, pintor nomeado do reino visinho, apurou o seu engenho artistico, mostrando que ainda tinham as Bellas-Artes dignos cultores na patria de Velasquez e Murillo.

REVINDICAÇÃO DA GLORIA USURPADA A PEDRO ALVARES CABRAL NO SEculo 19.º

NINGUEM ainda se atreveu a querer despojar Christovam Colombo da gloria de ser o descobridor da America: ao menos com muita rasão o mundo o acclama como tal. Mas ha infelizmente quem hoje se atreva a querer disputar a Pedro Alvares Cabral a gloria de ser o descobridor do Brasil.

Suppõe-se que a America fôra conhecida dos antigos com o nome de ilha Atlantida (1): opiniões ha comtudo, e mui solidas, que o contestem. É porem certo que vivia Colombo na ilha da Madeira em 1480 quando alli aportára mestre Francisco Sanches com tres ou quatro marinheiros n'uma caravella destrocada, que impellida d'um grande tem-

(*) A Transfiguração é um soberbo painel de Raphael: da copia que em Roma extrahiu o Sr. A. Manuel da Fonseca fallámos a pag. 305 do 1.º vol da presente Serie.

(1) Platão lib. 32.

poral fôra em remotissima longitude occidental deparar com terra não posta em mappa, ou carta de marear (2). Colombo devêra mui naturalmente buscar ouvir e saber os casos desta derrota; e como alumno e companheiro da academia de Sagres, creada pelo inclyto infante D. Henrique, homem não era elle de desperdiçar o que ouvira em caso de tamanho momento: confirmam-n'o sobejamente a pressa com que sahira do seu novo domicilio, e as instancias com que buscou os meios de effectuar a viagem que descobriu o novo mundo (3).

Alem disto, d'ha muito se julgava ser a terra redonda, haverem antipodas (4), e que o oceano atlantico devêra em consequencia banhar duas costas. Colombo pois acreditou que a terra que Sanches descobrira era a ilha do Japão, ou Cypango de Marco Paulo, e que navegando sempre a oeste iria dar no reino de Cattayo, ou no paiz de Sinas, hoje Chinas, e que acharia a rota das Indias mais facilmente do que os portuguezes d'ha muito buscavam em roda d'Africa (5).

Nem em Genova, nem em Portugal quizeram annuir ao novo plano de navegação: realisou-o comtudo em Castella, mas sómente depois de perder alguns annos em sollicitar a côrte, que o rejeitára a principio; e assim mesmo o conseguiu, não por ser melhor o juizo e o entendimento daquelles cosmographos, como pelas suas repetidas instancias, e pelo poderoso valimento de alguns nobres.

Feitos os apprestos, deu á vela de Palos com tres caravellas em agosto 3, 1492. Em 11 de outubro deu vista da ilha Guanahy, uma das Lucayas: descobriu depois a ilha de Cuba, e a Hespanhola, hoje S. Domingos, que os indigenas chamavam Hayty: tornou a fazer rota para a Europa, e aportou a Lisboa em março 6, 1493.

Na segunda viagem Colombo sahio de Cadix em setembro 25, 1493: desembarcou na Hespanhola, descobriu a Jamayca, e grande numero de ilhotas ao sul de Cuba. A terceira foi em 1498: avistou a ilha da Trindade, e desembarcou em algumas partes da costa de Paria. Na quarta sahio de Cadix em maio 9, 1502: aportou á Hespanhola, descobriu a ilha Guanaya, e toda a costa continental desde o cabo Graças-a-Deus até Porto Bello.

Sabe-se geralmente que Colombo suppóz que descobrira a ilha Cypango, e que o seu pensamento original, bem como o dos outros illustres navegadores posteriores, Fernão de Magalhães, Pinzon, e Solís, fôra achar passagem á India pelo mar do sul. Apesar de tudo isso, e de provarmos que doze annos antes da sua primeira viagem Colombo soubera do mestre Francisco Sanches que a oeste havia terra não posta em mappa, ou carta de marear, não nos atrevemos a defraudar o illustre genovez de um titulo de gloria que o mundo lhe conferira.

Talvez que alem dos factos poderamos allegar mui valiosas rasões, e taes, por exemplo, como: que Sanches, homem rude, sincero, e não ambicioso, dissera o que sabia e passára, e que nem dahi lhe viera gloria, nem soubera talvez ganhala: que Colombo, dotado de grandes talentos, perspicacia, e conhecimentos nauticos, se aproveitára das declarações de Sanches, o que confirma a cons-

(2) Gomara. Histor. de las Indias. Cap. 13. V. *Indice Chronol.* Lisboa, 1841 p. 75.

(3) Malte-Brun. tom. 9.º

(4) Plin. Hist. Natur. lib. 2.º cap. 64 e 65.

(5) João de Barros.

tante persistencia em seu plano uns poucos de annos depois de regeitado em duas côrtes illustradas, e até mesmo naquella que ao depois o acceitou: que nada de positivo e explicito promettêra nunca senão uma terra a oeste [tanto quanto dissera Sanchez], promessa vaga e indefinida, senão insensata, sem testemunho de factos, de historia, ou da sciencia: que finalmente até a sua ultima viagem nunca julgára haver descoberto um novo continente.

Não fôra assim que o grande Gama fizera a sua rota das Indias: pôz prôa ao oriente, demandou-o com vontade positiva, com plano maduro e deliberado, sciencia, e consciencia do que fazia. Comtudo nunca os portuguezes se atreveram a querer usurpar a gloria de Colombo: bastante, e de sobra teem elles para não mendigarem o alheio. Espere-mos justiça do tempo, e do compulsar dos archivos: ella, tarde ou cedo, triumphará.

Mas dado que assim o façamos ácerca deste ponto ainda controverso, não seremos nós que, depois de exinanidos e desangrados na substancia e na forma, nos deixemos agora tambem despojar da rica herança, que nos legaram intacta os antepassados, sem ao menos soltarmos um grito gemebundo, e exclamar — não: tirem-nos tudo, menos a honra e a gloria.

Pedro Alvares Cabral foi até hoje havido como descobridor do Brasil na opinião geral do mundo. Foi comtudo disputada esta gloria ao illustre navegador portuguez: eram escriptores castelhanos ciosos della os que mais se oppunham, para a darem a Vicente Yanes Pinzon.

Cabral sahio de Lisboa a 9 de março de 1500, e avistou a terra da *Vera-Cruz* a 22 de abril em 17° latitude S., e a 25 desembarcaram. Pinzon, que acompanhára Colombo na primeira viagem, deu á vela com quatro caravellas em dezembro de 1499, e pretendem que em 26 de janeiro de 1500 aportára ao Cabo de St.º Agostinho, ao qual chamára *Cabo de la Consolacion*. Se tudo isto assim fôra, a prioridade do descobrimento do Brasil incontestavelmente pertencêra a Pinzon que não a Cabral.

Não fôra até qui muito de estranhar que antigos escriptores castelhanos, zelosos da gloria de um seu compatriota, ou buscando augmentar-lhe a que já tinha, mas não com este titulo, assim o sustentassem. Mas revolta sobremodo, e nada ha que o possa desculpar, que um escriptor moderno, estrangeiro e alheio a todo o ciúme honesto de nacionalidade, se deslize grosseiramente da boa fé e lealdade de historiador.

Roberto Southey na sua «*Historia do Brasil*» usurpa a gloria de Cabral para a dar a Pinzon. E saiba-se que o largo e avultado credito do auctor na sua patria, e no mundo litterario, como chronista da Graã-Bretanha, e seu poeta laureado, é ominoso para a gloria de Cabral: alem disso a erudição e profundidade da obra demandam uma refutação mui seria e cathgorica.

Da narração historica da viagem de Pinzon se collige claramente que não fôra o Cabo de St.º Agostinho, que elle avistára, o qual fica em 8½° S., mas o Cabo do norte em lat. 2° norte. Herrera diz assim: — «*Se fueron por la costa abaxo quarenta leguas al Poniente,*» e que logo entraram no Maranhão, Orellana, ou Amazonas. Ora do Cabo do norte a este grande rio são em verdade quarenta leguas, mas do de St.º Agostinho muito mais de

quatrocentas: logo Pinzon não descobriu, nem tocou costa do Brasil.

Muito maior censura ainda merece o auctor inglez quando com mui pouca lealdade omittiu e callou aquillo que destruia a sua opinião. Faz pasmar que tão miudamente em tudo nos contasse a viagem de Pinzon, e omittisse a circumstancia essencial das *quarenta leguas*. Diz elle assim, tom. I pag. 5 «*From hence they coasted along toward the North till they came to the mouth of a great river.*» Devêra extractar lealmente os escriptores hespanhoes, que compilava, e até mesmo respeitar a auctoridade de Robertson, seu compatriota.

Herrera lealmente nos diz que Pinzon proseguindo em sua viagem [do Cabo do norte sustentámos nós] depois de andar as quarenta leguas *entrou n'um mar de agua doce* . . . era o Amazonas. Ao paiz todo chamavam os indigenas *Mariatambal*; á parte, que se estendia ao oriente, *Camomurú*; e á do occidente *Paricorá*.

Depois de passar riscos iguaes aos que Colombo tivera em *Boccas del Dragon*, perdeu um navio: atravessou a linha, e chegou ao Orenoco, d'onde se fez na volta da Europa, perdidos nas correntes mais dois dos outros três navios. Um rio na Guiana em lat. 1° 30' N. tomou o nome de Pinzon: é hoje o Oyapok, outr'ora baliza das possessões portuguezas e hespanholas. Carlos 5.º mandou ahí pôr um pillar, o qual se perdêra depois que os francezes entraram na Guiana: mas em 1723 um official do Pará o descobriu. — B. P. de Berredo. I. § 13, 14.

Tiburcio Antonio Craveiro.

A MÃI DE FAMILIA.

COPIA de um quadro de João Baptista Greuze, — a *Noiva d'Aldéa*, — démos em o 4.º vol da 1.ª Serie, pag. 317, e ahí o bosquejo da biographia deste artista, que sobresahiu no genero particular de pintar scenas da vida domestica, sendo sem comparação menos feliz nos quadros verdadeiramente historicos. — Estampámos o esboço de outra composição sua que é intitulada «a Mãi de familia.» No original avaliam os bons entendedores a expressão das figuras, que era o melhor dote, a qualidade mais eminente do pincel de Greuze. No gesto da figura principal, em toda a sua postura, e no expressivo da physionomia conhece-se claramente ser uma mulher entregue aos cuidados maternas; parece que se está ouvindo fallar, reprehendendo o filho mais velho porque toca uma trombetinha; como se ella dissera: — não reparas que acordas teu irmão. — É tambem mui notavel e superiormente debuxada a physionomia carrancuda, o modo descontente e amuado do rapaz, porque a mãe lhe vedára o regalo de fazer motim. — Greuze, repetimos, não era magistral no colorido, nem na correcção e magestade do desenho, mas quanto a inventar e fazer interessantes as scenas familiares talvez que nenhum o excedesse, nem com elle rivalisasse naquella graça e naquelle attractivo da verdade, poderosos agentes auxiliadores da arte. — Diderot disse deste pintor: — «é o primeiro que tem dado costumes á arte, e tem sabido encadear os sucessos, de maneira que seria facil pelos seus quadros escrever uma novella.»



A MÃI DE FAMILIA.

MANUEL DE SOUSA DE SEPULVEDA.

VII.

O seguimento e o fim.

*Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os cafres asperos e avaros
Tirar à linda dama seus vestidos:
Os crystalinos membros e preclaros,
A calma, ao frio, ao ar verão despídos;
Depois de ter pisado longamente
Co'os delicados pés a urca ardente.*

Lus. Cant. 5 Est. 47.

*E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes miseros ficarem
Na fereida e implacabil espessura.
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e misserrima prisão.*

D.º Est 48.

Ao CABO de doze dias, convalescidos os enfermos, e já com forças para a jornada, fez o capitão uma breve falla á gente, exhortando-os a não desalentar

nos trabalhos, consolando-os com a esperança de sahir d'elles, e pedindo muito a todos que o não desamparassem, nem deixassem só, ainda que por causa de sua mulher e filhos não podesse caminhar tanto como elles. Prometteram unanimemente que assim o fariam, e ajustaram ir sempre ao longo da praia, porque era melhor caminho.

Começaram a jornada aos sete dias de julho. Manuel de Sousa com sua mulher e filhos e oitenta portuguezes e cem escravos, na vanguarda. Seguiam-se o mestre e piloto com todos os homens do mar, com uma bandeira e crucifixo arvorado. Na retaguarda Pantaleão de Sá, com o resto dos portuguezes e escravos, que seriam perto de duzentas pessoas. A pé caminhavam todos excepto D. Leonor que ia em umas andas ás costas dos cafres: e assim andaram todo aquelle mez com grande fadiga, sem comer em todo elle mais que arroz e algumas frutas silvestres, e tão fracos que por não poderem continuar a jornada ficaram por esses mortos uns dez ou doze da comitiva. Em todo esse tempo não adiantaram pela costa mais de trinta leguas, passando de cem as que rodearam por causa das grandes voltas dos rios, fragosidade das montanhas e outros embaraços de que a cada passo eram atalhados. E no dia exactamente, que se com-

pletava um mez desta triste e trabalhosa peregrinação, deram noticia a Manuel de Sousa de Sepulveda que um filho seu bastardo, de idade de dez annos, que vinha ás costas de um cafre, lhe ficava atraz quasi meia legua com o seu conductor, ambos jazendo no chão de cansaço e de fome. — Fez alto, e prometeu quinhentos cruzados a quem lhe fosse buscar o menino; mas ninguem ousou a isso por ter já anoitecido, com receio das feras que infestavam todo aquelle caminho. Isto sentiu elle tanto que esteve em termos de endoudecer: mas resignou-se e foi seguindo sua derrota. Abi lhe ficaram tambem alguns portuguezes e escravos: e todos os dias ia assim perdendo duas ou tres pessoas, que eram pasto dos tigres e das serpentes apenas se separavam do resto da comitiva. Estes que por lhes desfallecerem as forças se apartavam dos companheiros e talvez de amigos, e alguns de seus proprios irmãos, e paes, ao darem o abraço da despedida, certos já de uma morte horrivel, faziam tamanhas lastimas que não havia coração que se não enternecesse, e que não chorasse mais aquella desventura que os trabalhos em que todos se viam, que eram grandes.

Por aquellas solidões marchavam atormentados continuamente do pensamento do seu infortunio, opprimidos da fome, investidos dos animaes ferozes, e [o que mais duro parecia] assaltados algumas vezes pelas proprias creaturas humanas, ainda mais ferozes que os tigres — os cafres das hordas selvagens. Estes assaltos eram frequentes sobre tudo nos passos estreitos. E um d'elles que foi de todos o mais apertado e terrivel, ia-lhes sendo fatal. Era decorrido mez e meio da sua jornada, quando uma tarde, quasi ao pôr do sol, descobriram uma multidão innumeravel de cafres, armados de frechas e azagaias, que com grandes alaridos vinham descendo por uma ladeira ingreme. Eram inimigos. Cerra-se a gente em ordem de peleja. Põem-se na frente os mais valentes; e alli esperam animosamente o ataque. Chegam os cafres em tropel, soltando gritos selvagens; indicio da confiança com que contavam fazer carniceria e despojo facil de tão pequeno numero de europeus. Despedem sobre estes um chuva de settas hervadas. Respondem-lhe os nossos com algumas armas de fogo que salvaram do naufragio, e entre ellas um ou dois arcabuzes. As balas fazem bom emprego e estrago nos inimigos. Mas eram muitos: não desistem: tiram-se as espadas, e trava-se a ferro frio de parte a parte o combate. — Cahem muitos dos cafres; mas dos nossos tambem morrem alguns. Oram prodigios de valor Manuel de Sousa, e os cavalleiros portuguezes que alli estavam. Distingue-se por muitos rasgos d'esforço e intrepidez Diogo Mendes Dourado: mas succumbe atravessado de uma azagaia o denodado guerreiro. Acompanha-o na coragem e no infortunio Antonio de Sampaio, que rende a vida á ponta envenenada de duas settas. Estava muito duvidoso e arriscado o conflicto. Que alguém julgue, se pôde, da afflicção d'aquelles que por falta de forças ou de armas o presenciam sem tomarem n'elle parte activa. Ao menos aos que combattiam, o calor da refrega não deixava reflectir: os que não combattiam pensavam, com ansioso cuidado, na possibilidade de um desfecho funesto a todos. Que angustias não padeceria n'estes momentos o coração de D. Leonor! A incerteza durou até o cahir da noite, em que os ferozes cafres bem escalavrados, se retiraram depois da lucta a

mais sanguinolenta e porfiada, em que os nossos se viram empenhados durante aquella jornada. Com a noite e a victoria não cessaram os receios. Pozeram-se vigias: e se o vento assobiava; se sussurrava uma folha; se rumorejava um silvado; se voava uma ave; se crocitava um corvo; se bramia, ao longe, um tigre; se se ouvia o ruido de uma serpente rojando, de um animal perpassando, de uma pedra cahindo de algum monte visinho — era um rebate de cafres que vinham de novo ataca-los. Os acordados punham-se á lerta. Os que dormiam sonhavam cousas estranhas e espantosas. Dahi a pouco sonhavam com fontes cristalinas, com iguarias e banquetes, com palacios fantasticos, com o leito macio e commodo da casa paterna; e acordando achavam-se desmentidos, sedentos, famintos, deitados sobre o descampado dos sertões! Despertos, affigurava-se-lhes então ver diante de si os espectros ensanguentados dos dois cavalleiros portuguezes que tinham perecido, havia poucas horas, na peleja com os cafres; e convulsos de frio, e de horror persignavam-se, e resavam-lhes pela alma!

Assim passaram inquietos aquella noite cruel, e ao outro dia continuaram a sua derrota. Desapressados dos cafres, perseguiam-nos reflexões mais pungentes do que as proprias azagaias dos salteadores. E como se fôra pouco tanto soffrimento, quando o acaso lhes deparava frutas nos mattos, ou nas praias mariscavam algum peixe d'esse que o mar de si regeitava, faltava-lhes agua que por muito escassa e perigosa de buscar pelo sertão chegou a vender-se a dez cruzados o quartilho. D'ella repartia Manuel de Sousa por sua mão a todos e a si proprio com a mesma igualdade, e da sua mesma ração tirava para beberem dois filhinhos de peito que consigo trazia.

Este, que parecia ser extremo da fome e sede, ainda passou a mais, e a tal miseria chegou, que obrigados della a se metterem pelo sertão,ahi se sustentavam dos animaes que achavam mortos, e com os pós dos ossos torrados de que cosinhavam bolos, e algumas papas. Muitas vezes succedeu vender-se no arraial uma pelle de cabra sêcca por quinze cruzados, lançá-la de molho, e comê-la.

Ao cabo de tres mezes chegaram aos dominios de um rei, chamado Inhaca, que vivia já perto do rio do Espirito Santo; homem alto, bem assombrado, velho, barba veneranda e toda branca, muito bem inclinado, e amigo dos portuguezes, e que por ter alguma parecença com o governador Garcia de Sá lhe pozeram o seu nome Lourenço Marques e Antonio Caldeira, que dos nossos naturaes foram os primeiros a intentar aquellas paragens. O Inhaca, avisado da vinda dos nossos, os foi buscar ao caminho, e os hospedou na aldêa em que residia. E ouvindo a Manuel de Sousa a determinação em que estava de passar adiante, procurou dissuadi-lo: que se demorasse até vir o navio do resgate de Moçambique onde se poderia ir: que nesse intervallo lhe ministraria tudo o que na sua terra houvesse; e que não tratasse de outra cousa, porque se de alli passasse, havia de ser roubado e maltratado por um rei, que estanceava adiante, e se chamava Ofumo, que era mal intencionado e perverso homem. Manuel de Sousa que não se atrevia a esperar alli um anno, porque estava saúdoso da patria, e lhe não soffria o animo ver por tanto tempo victima das privações e incommodos do sitio a mulher mimosa e costumada a outro tratamento,

posto que agradeceu, não acceitou este conselho.

Comtudo, a instancias do rei, deteve-se alguns dias, e da gente que trazia lhe deu 30 homens escolhidos e Pantaleão de Sá por commandante para juntamente com 500 cafres e capitães tambem gentios irem castigar um potentado visinho, com o qual o Inhaca andava em guerra. Foram, e atacando a povoação do inimigo lh'a queimaram e tomaram todo o gado, com que se recolheram. Das prezas partiu com os nossos o rei: e passados cinco dias se despediram d'elle que os foi acompanhando, e elles foram marchando resolvidos a tornear a bahia de Lourenço Marques, e passar os rios pela margem superior.

Aquelle dia chegaram a um que se chamava Belygane e verte na barra de Lourenço Marques, onde tambem desembocam outros chamados Anzate, Ofumo, e Manhiça. Chegados, pediram a elrei mandasse pôr á sua disposição algumas almadias que alli havia, que são embarcações inteiriças de um só páu, cavado por dentro, compridas algumas de vinte e mais braças, e capazes de outras tantas toneladas. Mas o rei que sabia que o rio, largo de vinte leguas, não era navegavel de embarcações mais pequenas, e que tinha ardentes desejos de conservar comsigo os portuguezes, recorreu, para lhes impedir o trajecto, a quantos subterfugios pôde inventar. Manuel de Sousa receoso de perfidia que não existia, teimava ainda mais na sua resolução de passar adiante; promettia paga avultada aos cafres que o conduzissem; presenteava o rei, para o contentar, com algumas das armas que levava; rogava-lhe que se recolhesse á sua terra; e tanto perseverou em suas rogativas que o rei se retirou e os seus, e o deixou seguir a jornada.

Então Manuel de Sousa fez, primeiro, passar á outra banda do rio trinta homens com tres espingardas: depois passou elle: e logo o resto da gente. Desembarcados, proseguiram caminhando cinco dias em que venceram vinte leguas, até que foram tór, já noite, ao rio Anzate. Á borda d'elle assentaram arraial, e se agasalharam na arêa: mas de noite tão abrasados de sede se sentiram, que alli houveram de morrer todos á mingua de agua, se o não providenciára Manuel de Sousa, mandando-a buscar, ainda que lhe ficava atraz um bom espaço, e pagando a canada a 25 cruzados. Ao outro dia chegaram da margem opposta tres almadias, e pelo que os negros d'ellas disseram se entendeu que havia pouco se tinha de alli feito á véla para Moçambique o navio do trato. N'estas atravessaram os nossos o rio. E já então Manuel de Sousa se mostrava tão desorientado do juizo, desvelado das vigílias e trabalhos, e agora tambem da magoa de, por tão pouco, vêr perdida aquella monção de embarque para o reino, que indo na almadia com sua mulher e filhos, n'um accesso inesperado de loucura arremetteu, espada nua, contra os cafres que remavam, exclamando: «*ah perros, onde me levais?*» Os negros, assustados, lançaram-se ao mar: e foi preciso que D. Leonor o quietasse para não ir a mais o seu desatino, que podia ser causa de alli se afogarem todos.

Durou-lhe, momentos apenas, este socego, porque a imaginação, que tomava energia da realidade medonha dos seus infortunios, não o deixava tranquilo. Ao desembarcar poz-se outra vez tão desnorteado de cabeça que foi mister apertar-lha com toalhas: o que D. Leonor fazia com suas proprias mãos e com muitas lagrimas.

Aqui tinha de começar uma nova serie de desastres maiores e mais espantosos á proporção que se avisinhavam do seu despenho. Debaixo d'este céu de Africa, n'esta região çafara e inhospita, ia representar-se um drama que tinha d'afamar áquellas paragens com recordações de tristeza e de horror; e a monotonia dos combates obscuros da natureza contra a creatura, do animal contra o homem, e do homem contra si mesmo, renovados e esquecidos todos os dias n'aquellas plagas, ia ser interrompida com scenas lamentaveis de barbaridade, e o espectáculo de nunca ouvido infortunio: e essas scenas, pela circumstancia casual de terem actores illustres, espectadores e chronistas da nossa Europa, não haviam de apagar-se no olvido e no tumulto das gerações, ou ficar, ignoradas ao longe, e desconhecidas ao resto do mundo, no estreito ambito de algumas pequenas e pobres aldêas e povoações da Africa meridional.

Postos, como dissemos, em terra, avistaram um golpe de cafres, e vendo-os se pozeram em som de peleja, cuidando vinham a rouba-los. Mas elles aproximando-se dos nossos, sem mostra alguma de hostilidade, entraram a fallar com os outros cafres da comitiva de Manuel de Sousa, e lhes perguntaram que gente era aquella, e o que buscava? Respondeu-se-lhes: «que eram christãos; que tinham naufragado; e que lhes pediam os guiassem a um rio grande que estava mais adiante; e se tinham mantimentos, e lh'os trouxessem, lh'os comprariam.» Ao que os cafres tornaram «que se queriam mantimentos, fossem com elles ao logar onde estanceava o seu rei, que lhes havia de fazer muito agasalho.»

A este tempo os nossos iam já sem chefe; porque o chefe tinha perdido o attributo mais essencial do mando, e o titulo mais legitimo á obediencia—a rasão. De 380 que eram, sem contar os marinheiros, tinha-os rareado a morte a 120 pessoas. E já não caminhava em andas aos hombros dos cafres D. Leonor, tão formosa e delicada: a pé e descalça ia como todos, com 300 leguas de jornada, nivelada já em tudo com os infimos e escravos. Distinguia-a sómente aquella superioridade que reflecte da nobreza e cultura do espirito ainda no meio dos mais duros transes, e aquella valor femil que, por uma compensação providencial da timidez que caracteriza o sexo, brilha e se exalta sempre, quando as tribulações são maiores, e os lances mais arriscados. Animava a homens que tinham endurecido nos trabalhos e nas guerras, ella fraca e debil mulher. Consolava a todos ella mãe e esposa, a quem as angustias e os receios deviam ter comprimido mais dolorosamente o coração. E desta maneira foram, guiados por aquelles cafres que, acaso ou industria, alli inopinadamente appareceram, andando até chegar á terra do rei, que se chamava Ofumo; aquelle mesmo de que os queria desviar a prudencia, que veio a ser *prophecia*, de um amigo; e para onde, a despeito della, os chamava a fatalidade do seu destino.

A primeira novidade que ao chegarem os surpreendeu, logo foi signal de que a sua situação, ainda que já mui triste, ia cobrir-se de maiores negrimes, e que cada vez mais se intrincava o labyrintho de suas desventuras. Acharam recado do rei em que lhes mandava, bem diverso do Inhaca que tão affavel e hospitaleiro lhes tinha sido, «que se alojassem fóra da povoação, ao pé de umas arvores que lhes mostraram; e que alli os proveriam do

necessario.» Junto a ella se albergaram cinco dias, e os mantimentos, que durante elles lhes iam trazendo, resgatavam por pregos. Mas ou porque era penoso aquelle viver de acampamento, ou porque o precipitava um fado irresistivel, Manuel de Sousa, resolvido a pousar naquella terra até á chegada do navio, foi-se ter com o rei e pedir lhes destinasse cabanas para se aposentarem na sua povoação. O rei, que com o nome de falsa paz e amizade já no animo trazia aparelhada a traição, respondeu que «como na terra havia poucas provisões, não podia estar alli junta toda aquella gente; que ficasse elle na aldêa com as pessoas que escolhesse, e todos os mais se distribuíssem pelos logares visinhos, aonde os aquartelaria e forneceria de viveres. Mas que para evitar a desconfiança dos naturaes, era preciso que se guardassem todas as armas dos portuguezes em uma casa, para lhes serem restituídas quando viesse o navio de Moçambique.» Manuel de Sousa, que não maliciava, e nem sequer discorria, assentiu. E propondo aos companheiros a entrega das armas que justificou com rasões pouco para ser attendidas, uns convieram, e oppozeram-se outros; sendo destes a de mais obfirmado animo, e, segundo mostrou o successo, a mais previdente, D. Leonor, que com encarecida instancia trabalhou por arredar o marido desse passo falso. Dizia-lhe que o rei se não atrevia com elles, postoque reduzidos a 120 homens, porque ainda lhes restavam cinco armas de fogo, que era o que elle temia: que nessas estava toda a sua esperança; e que entrega-las era a sua perdição.

Foram em vão os seus esforços: as armas entregues; e o rei repartiu os portuguezes pelos seus Ancoses; que assim se chamavam os governadores das povoações. Os Ancoses assim que tiveram em seu poder aos portuguezes desarmados, ainda antes de chegarem aos seus districtos, os despiram e roubaram sem lhes deixarem cousa nenhuma, e por cima os maltrataram desapiedadamente com muita pancada, e os expulsaram das aldêas. O rei, apenas os outros portuguezes se afastaram, fez a Manuel de Sousa e aos do seu sequito, excepto a affronta de os despir e espancar, o mesmo tratamento, e lhes tomou tudo o que levavam que era muito, pois se julga que entre aquellas poucas pessoas se acharam para mais de cem mil cruzados em pedraria e joias sómente. Roubados mandou-os sahirem da povoação. Este golpe acabou de alienar de todo a Manuel de Sousa, que com elle ficou sem dar accordo de si. Mas como era forçoso obedecer á barbara ordem do rei, D. Leonor se pôz a caminho. Levava o marido pela mão, e ao collo um dos filhinhos, o outro levavam-no as escravas; e mostrava tanta resignação e paciencia no meio destes trabalhos que era assombro a todos. Com ella iam Duarte Fernandes, contramestre do galeão, o piloto André Vaz que nunca quiz desamparar o seu capitão, e todos os mais que tinham ficado na aldêa do rei. Os outros desvalejados e espancados—em cujo numero se comprehendiam Pantaleão de Sá, e os mais fidalgos e cavalleiros—depois de expulsos das aldêas, tornaram-se a ajuntar em differentes sitios, e assim fizeram um corpo de noventa pessoas. Mas como iam sem armas, sem vestidos, sem dinheiro, e sem cousa alguma com que podessem comprar alimentos, sem forças para arrostar com a fome, a sede, e as fadigas da jornada, sem repouso de dia, sem abrigo de noite, e sem consolação de nenhuma especie, aborrecidos da vida se foram embre-

nhando pelos mattos, errantes por desvairados caminhos, comendo, onde as podiam apanhar, das fructas bravas e das raizes das hervas, e encomendando-se a Deus como homens jogados ao dado do infortunio, que cada dia ficavam victimas da morte por esses ermos.

Manuel de Sousa com os do seu rancho foi seguindo a direcção do rio Manhiça, com intento de alli permanecer, se o rei lh'o consentisse. Mas antes de lá chegarem tornaram a accommette-los os cafres, e isso que lhes restava, que era unicamente o fato que traziam sobre o corpo, lh'o roubaram, deixando-os nus. D. Leonor, quando os cafres tentaram despi-la, ás bofetadas e ás dentadas como leoa magoada se defendia, porque mais queria que a matassem, que olhar-se desarmada do unico broquel que a resguardava, e vêr em si profanados os mysterios da belleza, e os segredos do pudor. Manuel de Sousa, ao vê-la naquelle misero estado, e os filhinhos chorando no chão, parece que da propria intensidade da pena e dôr recobrou o entendimento [como acontece á alampada moribunda lançar mais brilhante clarão no momento de extinguirse]. Chegou-se a ella, tomou-a nos braços, e com palavras de religião e brandura a exhortou a que se deixasse despir para a não matarem. Deixou-se despir, e vendo-se completamente nua, sentou-se no chão, desatou e espalhou a trança de seus compridos e mui formosos cabellos, com o rosto todo inclinado porque a podessem cobrir; rodeou-se das suas escravas; e com as mãos fez uma cova na arêa onde se escondeu até a cintura, sem mais se querer apartar daquelle logar que agora considerava o seu ultimo refugio. Os homens da comitiva, vendo-a naquella postura, foram-se afastando de magoa e vergonha. Percebendo ella André Vaz, o piloto, que virava as costas para se ir, chamou por elle, e lhe disse: «Bem vêdes, piloto, como estamos, e que já não podemos passar daqui, onde parece que Deus tem ordenado que eu e meus filhos acabemos: í-vos muito embora, tratai de salvarvos, e encommendai-nos a Deus; e se fordes á India ou a Portugal em algum tempo contai como deixastes a Manuel de Sousa, a mim e a meus queridos filhos!» O piloto, compungido daquelle espectáculo, voltou as costas, sem responder nada, todo banhado em lagrimas, e continuou seu caminho.

Manuel de Sousa com todos estes desastres, e andar com uma perna gravemente ferida de uma azagaia, não se esqueceu da necessidade da mulher e dos innocentinhos que estavam chorando com fome: foi-se aos mattos a procurar alguma cousa para lhes dar, e quando voltou com algumas fructas sylvestres, achou já morto a um, e D. Leonor como pasmada com os olhos postos sobre elle, e com o outro no collo. Elle fitando a vista na mulher, e no filhinho sem vida, ficou assim um pequeno espaço sem proferir palavra; e passado esse espaço, fez uma cova na arêa, e por sua mão o enterrou, deitando-lhe a ultima benção.

Depois tornou-se ao matto a buscar mais fructas para a mulher e o outro menino; mas quando veio achou ambos fallecidos, e cinco escravas gemendo e pranteando em altos gritos sobre os corpos. Vendo aquella desventura, fez retirar dalli as escravas: sentou-se junto da esposa, com o rosto sobre uma mão, e os olhos cravados nella: e assim se conservou espaço de meia hora. Nessa meia hora que reversa de paixões e de pensamentos não correria, como pesadello de um sonho horrivel, por

aquelle espirito atribulado! Ao contemplar D. Leonor morta e naquelle estado, o infeliz chegou, talvez, a blasphemar em seu coração do primeiro descobridor portuguez como remota origem das suas desgraças; e agradeceu aos bulhões do ar e ás tormentas do Cabo a vingança que tomaram do audacioso mortal que primeiramente o montou. Elle que em todos os passos da sua vida tinha sido exemplar, esposo fiel, pai carinhoso, guerreiro cujo sangue havia vertido abundantemente pela causa do seu Deus e a gloria do seu paiz, vendo-se agora em tamanho abandono duvidou da Providencia! Desejou ter morrido nos campos de Diu, no combate contra os nayres, no ataque contra Chembe. Desejou um volcão que submergisse aquellas terras infames; que o mar sahisse do seu leito, e as sepultasse eternamente nas suas entranhas: que do céu se destacasse um globo incendiado que as viesse abraçar. Revolveu na sua idéa o tempo, tão querido, dos seus primeiros amores, a formosura de Leonor, as horas de felicidade que tinha passado com ella, as caricias dos seus filhos; e o desgraçado não pôde chorar! Era o ultimo gráu do infortunio a que tinha chegado aquella alma espedaçada!

Passado aquelle termo, levantou-se e começou a fazer uma cova com a ajuda das escravas [sempre callado e silencioso], e tomando a mulher nos braços, chegando o seu rosto ao della um pouco, a deitou na cova com o filho. E depois de a cobrir, sentiu sede, sentiu febre, sentiu gelar-se de frio, sentiu os tormentos da tortura, sentiu as ancias do afogado, sentiu as agonias do moribundo; e mais do que isto sentiu, porque se lembrou, com memoria execravel, que elle . . . elle proprio acabava de ser o coveiro dos entes que mais amára no mundo! Então com o coração a estalar-lhe, perdido, cheio de horror fugiu da natureza, de si mesmo, dos seus pensamentos, dos seus passos, da sua sombra; e correndo foi buscar a morte na espessura das selvas, onde mais piedade para com elle mostraram os tigres do que os homens; porque, devorando-o, pozeram termo á sua dôr!

A. d'O. Marreca.

O COQUEIRO DAS INDIAS.

Esta arvore, mais curiosa ainda do que a palmeira, nasce no mesmo clima. O seu tronco, que se eleva a quarenta e sessenta pés, é bastante delgado para semelhante altura, e marcado de cicatrizes semicirculares que deixaram as folhas velhas. Este tronco é coroado d'um cume mediocre formado por um feixe de dez a doze folhas, umas direitas, outras estendidas para a ilharga, e até pendentes; estas folhas são pinnuladas, e na sua circumscripção compridas de dez até quinze pés, e tem tres, ou quasi tres de largo. No meio deste feixe encontra-se um gomo, ou grelo direito, quasi cylindrico, pontudo, tenro, bom para comer, e a que chamam *repolho de coqueiro*: usa-se pouco d'elle porque a arvore morre logo que o colhem. D'entre os peciolos das folhas sahem grandes espathas univalves, que se abrem de lado, e dão sahida a uma panicula ou espádice, cujos ramos são carregados de grande numero de flores rentes, brancas-amarellas; as flores femeas estão situadas para a parte da base, e as machas para as extremidades. Ás flores femeas succedem fructos conchegados, e em forma de cachos, que são os *cócos*. Estes fructos

são ovados, um pouco triangulosos; debaixo da casca, que é espessa e muito fibrosa, e cuja pelle exterior é muito lisa e parda, acha-se uma noz quasi globulosa, dura, do tamanho de um ovo de avestruz, com pouca differença, marcada na sua base com tres boracos desiguaes, e que encerra uma amendoa de carne branca e firme como a da avelã, a que ella sabe um pouco.

Esta noz é a parte mais preciosa do coqueiro; quando não está madura ainda, tira-se-lhe uma grande quantidade de agua clara, odorifera, picante alguma cousa, de que se faz uso no paiz, ou para refrigerar da sede, ou para temperar os mólhos: tiram-se até quatro libras de peso desta agua das nozes maiores. Amadurecendo, o interior do *cóco* toma consistencia, e torna-se em uma amendoa, da qual, pela trituração, se tira um licór branco como leite, e pela pressão um oleo bom para luzes e para comer. A casca externa que envolve a noz, e que, como deixámos dito é fibrosa, e cuja filação se chama *cairo*, serve para fazer cabos e outras differentes cordas.

Tudo é util no coqueiro: os naturaes do paiz servem-se das suas folhas seccas, e entrelaçadas para cobrirem as casas, fazer pára-sóes, e velas de embarcações; até mesmo lhes servem em lugar de papel para escreverem. Com os seus filamentos delicados fazem bellissimas esteiras, que transportam a todas as Indias. A parte da arvore donde sahem os peciolos folhosos, é cercada de muitas camadas de febras em forma de rede, que pôde bem servir de coador para os liquidos.

Esta arvore admiravel, alem do licór proveniente do seu fructo ainda tenro, dá mais um vinho, cujo sabor é tão agradável como refrigerante. Para o obter, os indios sobem ao longo dos troncos dos coqueiros, por meio de uma escada de juncos, e cortam a extremidade das espathas, ou envoltorios das flores; daqui se distila um licór branco que se recebe com cuidado em vasos presos a cada uma das espathas. Tal é o vinho da palmeira, de que se faz tão grande uso na India. Este vinho novo é doce, mas vinte e quatro horas depois torna-se vinagre. Distilado tira-se-lhe um licór, ou aguardente, a que chamam *arraca*. Tira-se-lhe ainda depois segundo succo não espirituoso, mas que pela evaporação dá um assucar preto. As espathas deste modo tratadas não dão fructos, porque o liquido que devia formar o *cóco* se atenuou. O páu da arvore serve de madeira. Por este modo vemos que nada se perde, pois que mesmo a casca da noz, ou caroço, tem sua serventia; como é dura e lenhosa fazem della differentes vasos assaz bonitos.

Por uma continuação da liberalidade da natureza, pródiga sempre de tudo quanto é util, o coqueiro, que por si só poderia bastar para as primeiras precisões do homem, fructifica duas e tres vezes em cada anno.

Não devemos proferir palavra nem fazer acção alguma de que nos envergonhemos ou possamos arrepender-nos: o prazer ephemero de semelhantes ditos e actos não compensa os desgostos que depois sentimos, e as exprobrações amargas da consciencia que os condemna.

Querendo dar-nos muita importancia, perdemos ordinariamente a pouca de que gozavamos.

Marquez de Maricá.